

Sobre putas, aforizações e enunciados: breves análises

Elizete de Souza Bernardes¹

Resumo: Do *Manifesto dos 343 safados*, na França, a *Eu sou feliz sendo uma prostituta*, no Brasil: como essas aforizações entram num regime do enunciado foucaultiano? Inscrito nos quadros da Análise do discurso de linha francesa (AD), este artigo toma como pressuposto o conceito de Aforização de Maingueneau (2010, 2011) como a formulação no “fio do discurso”. Com efeito, analisar as aforizações que ganham circulação em momentos singulares é compreender as condições de produção (COURTINE, 2009) que permitem que tais “frases sem texto” possam ser ditas. Portanto, a partir do conceito de *enunciado*, bem como de *a priori* histórico de Foucault (1987), propomos refletir a linguagem em sua densidade histórica, re-construindo o efeito de evidência do que é ser uma “puta”. Desejamos, dessa maneira, contribuir para refletir discursivamente em *como* a prostituta é objetivada em frases curtas na nossa sociedade.

Palavras-chave: Análise do discurso (AD); Aforização; Enunciado; Prostituta.

Abstract: From *Manifesto of the 343 bastards*, in France, to *I'm happy being a prostitute* in Brazil: how these aforizações enter a statement of Foucault's regime? Joined the frame of the discourse analysis of French Line (DA), this article takes as its premise Maingueneau concept's of Aforização (2010, 2011) as the wording in the "wire of the discourse". Indeed, analyze aforizações earning circulation in singular moments is to understand the conditions of production (COURTINE, 2009) that allow such "phrases without text" can be said. Therefore, from the concept of statement, as well as historical *a priori* of Foucault (1987), we propose reflect the language in its historical density, re - building the effect of the evidence that is to be a "bitch". We hope in this way contribute to discursively reflect on how the prostitute is objectified in short sentences in our society.

Keywords: Discourse Analysis (DA); Aforização; Statement; Prostitute

¹ Doutoranda pela Universidade Federal de São Carlos (PPGL-UFSCar). Sua pesquisa se dirige no sentido de investigar como se construiu a imagem da mulher brasileira em relação com a prostituição. Para tanto, na dispersão e unidade de textos jurídicos e publicitários, a estudante se debruça na seguinte problemática: como se deu a objetivação das prostitutas no campo do saber legislativo, ensejando em exercícios de poderes sobre o corpo. Ademais, sua pesquisa conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. (Processo n. 2013\16256-4).

Considerações Iniciais

“Não mexa com a minha puta”²: esse é slogan do *Manifesto dos 343 safados*, que circulou no mês de dezembro de 2013, por diversos veículos de comunicação. Trata-se de uma “resposta” ao projeto de lei da França que prevê multa para os clientes que contratam os serviços sexuais das prostitutas. No Brasil, em junho do mesmo ano, outro slogan causou alvoroço quando de seu destaque em uma campanha publicitária do Ministério da Saúde: “Eu sou feliz sendo uma prostituta”. Esta asseveração também emergiu, no contexto brasileiro, no calor das discussões legislativas acerca da aprovação ou não do projeto de lei que prevê a regulamentação da profissão (PL 4.211/2012).

Dessas observações, alguns questionamentos podemos levantar: como as frases destacadas do textos (MAINGUENEAU, 2011; 2010) entram na ordem do discurso de cada temporalidade? Quais as condições de produção que permitem emergir esses destacamentos? E como essas frases curtas, aforizadas e de fácil memorização objetivam as prostitutas em suas práticas discursivas?

Os pressupostos de escrita desse artigo é que, embora tais slogans sejam nomeados de “frases sem textos”, isso não significa que eles estão fora da malha discursiva e daquilo que é possível dizer em cada época. As condições históricas, assim como a memória discursiva que se atualiza (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 1994) darão abertura para refletirmos esses slogans sobre as putas e entendermos *como* elas são objetivadas.

Para tanto, o aporte teórico segue as considerações sobre a Aforização, proposta por Maingueneau (2011; 2010), bem como alguns parâmetros arqueológicos de Michel Foucault (1987) acerca das dizibilidades de cada *a priori* histórico. A releitura de Foucault, feita por Jean-Jacques Courtine (2009) sobre as “condições de produção” também nos parece útil para enlaçarmos as “frases sem textos” na teia discursiva.

Enunciados sem texto?

O texto, como uma unidade empírica, resumidamente, é o lugar onde podemos apreender o discurso, é o “depósito” onde as práticas discursivas se materializam. Como assinala Maingueneau (2010, p. 10), são duas as concepções clássicas sobre o texto: “uma em

² Tradução livre. “Une liberté individuelle selon les signataires du Manifeste “**Touche pas à ma pute**” signé par “**343 salauds**” (parmi lesquels Frédéric Beigbeder, Nicolas Bedos, Eric Zemmour, etc.). [...]”. (grifo nosso). Disponível em: http://www.lemonde.fr/recherche/?keywords=343&qt=recherche_globale. Acesso em 08 jan 2014.

que o texto é um todo referido a práticas discursivas, outra em que é o espaço de um trabalho cognitivo de construção de ligações entre as sequências”.

Nesse sentido, quando, em Pêcheux (2009), nos deparamos com os parênteses daquilo que ele chama de *formação discursiva*, somos levados a duas leituras. Diz o teórico: “chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, [...], determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.)”. (PÊCHEUX, 2009, p. 147). Em primeiro lugar, há quem considere que a *arenga*, *sermão*, etc. são apenas os gêneros textuais passíveis de análise interna em sua estruturação: coerência e de coesão, por exemplo. Uma segunda leitura é pensar que os gêneros apontados nos parênteses pecheutianos são ideológicos – daí, dizer “gêneros discursivos”. A conjuntura histórica é o terreno que faz emergir o que se diz nesses gêneros. Se compararmos duas *arengas*, por exemplo, poderemos encontrar duas *posições* diferentes. Como se diz o que se diz, nesses diversos gêneros, é o que analisaremos para apreender as práticas discursivas. Enfim, é a “posição”³ de quem diz que nos importa e é aí que o discurso entra.

São os diversos registros das ideologias, das condições históricas que se interseccionam para a emergência das dizibilidades. De maneira que as frases aforizadas, que parecem obedecer a um regime próprio de circulação, possuem algumas características, que as distanciam dos textos em si.

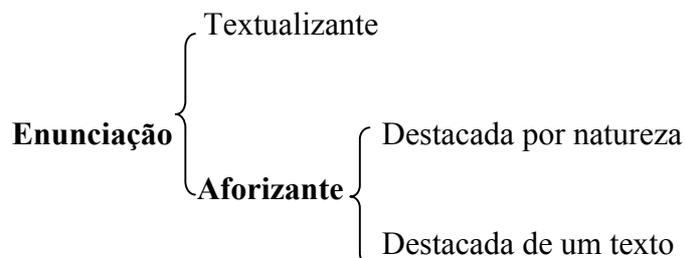
Maingueneau (2010), com efeito, explicita o embaraço que certas frases, como provérbios e slogans provocam porque “por um lado, tem-se com razão o sentimento de que o provérbio constitui um enunciado autônomo, por outro, ele não aparece isolado, mas inserido em textos que derivam de gêneros”. (idem, p. 10).

A partir dessa observação, o autor categoriza os tipos de destacamento. Primeiro: “O constitutivo: é o caso particularmente dos provérbios e de todas as fórmulas sentenciosas que por natureza não possuem contexto situacional nem contexto original” (MAINGUENEAU, 2010, p. 10). E há também o “destacamento por extração de um fragmento de texto, quando

³ “Os parênteses abertos no trecho extraído de Pêcheux (“articulados sob a forma...”) podem, *a priori*, ser objeto de uma dupla leitura, segundo se dá ênfase “àquilo que pode e deve ser dito” ou “articulado sob a forma de uma arenga”. Na primeira leitura, a menção a diversos gêneros é acessória; na segunda, o discurso não pode ser ‘articulado’ senão por meio de um gênero de discurso; e é preciso, então, pensar a relação entre ‘posição’, de uma parte, e ‘arenga’, ‘sermão’ etc., de outra. O itálico de insistência sobre ‘o que pode e deve ser dito’, mas também o conhecimento do pensamento de Pêcheux incitam a optar pela primeira leitura, que relega a segundo plano a problemática do gênero. É a posição que é determinante, e o gênero de discurso não parece ser outra coisa além do lugar onde se manifesta alguma coisa que, por essência, está escondido, seguindo nesse aspecto o modelo psicanalítico dominante na época”. (MAINGUENEAU, 2006, p. 12).

nos encontramos em uma lógica de citação” (idem, *ibidem*): é o caso, por exemplo, das sobreasseverações⁴.

De forma esquemática, o teórico (MAINGUENEAU, 2010, p. 13) propõe um quadro da enunciação *textualizante* e a *aforizante*:



O ponto de partida do quadro acima é a **enunciação**. E é também o ponto que nos permite articular as aforizações em um regime foucaultiano da *Arqueologia do Saber* (2013). O enunciado, em Foucault, ultrapassa os limites da frase. Mas, por enquanto, voltemos às aforizações e suas características:

Pela aforização, o locutor – que podemos chamar de *aforizador* – se põe acima das restrições específicas deste ou daquele gênero de discurso. Ele assume o *ethos* de um locutor que fala do alto, um indivíduo que entra em contato com uma fonte transcendente; ele não se dirige a um interlocutor que está no mesmo plano que ele e poderia responder, mas a um auditório universal. Ele suspotamente enuncia *sua* verdade, subtraída qualquer negociação, exprime uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou uma certa concepção da existência. Nesse regime enunciativo, o sujeito da enunciação e o Sujeito no sentido jurídico e moral coincidem: alguém se põe como responsável, afirma valores e princípios diante de uma comunidade. (MAINGUENEAU, 2011, p. 43).

O sujeito das aforizações, nesse sentido, se coloca acima de qualquer jogo de linguagem, ele se aproxima quase de uma consciência pura e verdade plena, como afirma Maingueneau (2010). “Trata-se fundamentalmente de fazer coincidir *sujeito de enunciação* e Sujeito no sentido *jurídico e moral*: alguém se coloca como responsável, afirma valores e princípios perante o mundo” (idem, p. 15). Vejamos a aforização abaixo (Figura 1), que sai do para-choque dos caminhões e ganha outros suportes. Sua circulação é intensificada especialmente nos períodos eleitorais, por meio de redes sociais, por exemplo.

⁴ “No caso da sobreasseveração, uma modulação da enunciação que formata um fragmento candidato à destextualização, não é possível falar de ‘citação’: trata-se somente de uma operação de destaque do trecho que é operada em relação ao restante dos enunciados, por meio de mercadores diversos: de ordem aspectual (generecidade), tipográfica, prosódica, sintática, semântica, lexical.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 11).



Figura 1. Filho da puta e políticos⁵

As duas orações, uma no imperativo e a outra como coordenada explicativa estabelecem uma ideia de continuidade. Tal fato é válido (primeira oração) em razão dessa justificativa (segunda parte do período). Ademais, a própria grafia do “certo” com a letra “R” invertida, corrobora o sentido de que a situação política está torta, errada.

Somado a essa parte linguística, na Figura 1, o leitor é compelido a buscar o sentido além do imediato: fazer um exercício hermenêutico para construir interpretações que justifiquem a pertinência. A opacidade da figura da “puta” permite o riso. O estereótipo criado em torno essa figura dá ensejo para dizer que os “filhos da puta” dos políticos não prestam, então, em um trocadilho com esse xingamento, o humor acena. O estereótipo de puta é uma construção histórica, porém, por ser tão arraigado e ilusoriamente transparente, se torna universal. Sobre isso, Possenti (2010, p. 41) acentua:

deveria ser evidente que os estereótipos são construtos produzidos por aquele(s) que funciona(m) como o(s) Outro(s) para algum grupo. Mas, eventualmente, essa relação interdiscursiva é ofuscada ou apagada – quando o confronto não aparece na própria piada –, e o efeito é a impressão de que o estereótipo é universal, que não tem condições históricas de produção, ou, pelo menos, que essas condições não incluem efetivas relações de confronto com uma alteridade.

O estereótipo da puta funciona como aquela que se dá mal na vida, como quem não tem nada de bom para oferecer e, não raras vezes, como quem arruína a vida alheia. O xingamento, em princípio, faz ecoar uma dupla memória: “mãe” e “puta”. O paradoxo acionado produz o sentido tão pejorativo, ofensivo e agressivo que o palavrão carrega. Ser “mãe” é padecer no paraíso, é ser bondosa, é dar a vida pelos filhos, é ser honrosa, etc., de tal modo que tudo que se afasta desses predicativos a torna “desnaturada”. A transparência da

⁵ Disponível em: <http://riapracaramba.blogspot.com.br/2009/08/vote-nas-putas.html>. Acesso em: 25 out. 2013.

linguagem põe os conceitos de “mãe” e de “puta” como *naturais*, quase de nascença. A puta é o outro lado da linha dessa figura quase divina que é a mãe. Ser chamado de “filho da puta” é ofensivo, mas, sobretudo é muito mais ofensivo para a sua “mãe”. Receber esse predicativo não denota, muitas vezes, o real (não significa que sua ascendente seja *realmente* uma prostituta), porém, a agressividade do xingamento se encontra no confronto entre as duas memórias discursivas desses conceitos: mãe e puta.

Assim, se na política, seus filhos – conotativamente – já mostraram sua “descendência”, agora, é mais viável que as próprias mães, putas, façam o serviço “sujo”, “errado”, “desonroso”, “corrupto”, “feito”, etc., por já serem profissionais nesta arte, segundo uma determinada formação discursiva (FD). Ironiza-se o xingamento e brinca-se com a objetivação que se constrói em volta da “puta”. Em outros termos, uma vez que a própria puta – aquela que vende o seu corpo para qualquer um, como se ele fosse público – administrasse a coisa pública ela só estaria fazendo o que já é de praxe. Elas mesmas vão arruinar com o que é de todos, se nos permitem o trocadilho.

O caráter universal do estereótipo encontra o caráter de verdade que o aforizador se vale. Para dizer sobre os políticos – esse grupo desprestigiado, sem moral e princípios, como diriam – um Outro, o aforizador, se pretende como Sujeito jurídico e moral. Para tanto, ele se coloca acima dos interlocutores (que são tanto os próprios políticos quanto os leitores e eleitores). É a pretensão de verdade que coordena essa aforização: verdade sobre as putas, seus filhos ou, simplesmente, sobre os políticos (Figura 1). É universal, é farinha do mesmo saco. É fazer circular, por meio da memória discursiva, outra aforização que aproxima políticos e putas: “mostra-me um político honesto que eu te mostro uma puta virgem”.

Essas aforizações que entram no mesmo interdiscurso e se dão, materialmente, em distintos intradiscursos emergem em determinados momentos e, por isso, são singulares. A emergência dessas frases curtas, numa linha da memória discursiva, se dá em razão das condições de produção históricas do discurso. Dificilmente, veríamos uma aforização desse tipo, que compara os políticos à(o)s (filhos das) putas, no período da Ditadura Militar ou mesmo na década de 30. É a possibilidade do dizer de cada época que faz emergir esses slogans, essas aforizações, esses enunciados, enfim.

Aforizações: enunciados singulares

Touche pas à ma pute: como esse slogan torna-se singular, histórico e datado? Como ele se inscreve na memória do(s) discurso(s)? Como ele se torna um *acontecimento*? Essa

aforização, com efeito, foi possível de ser dita na França, em dezembro de 2013, em virtude de tratar-se de um *enunciado*, no sentido foucaultiano.

Com efeito, para Foucault (2013), o enunciado entra em um regime discursivo que ele chama de *a priori* histórico. Com isto, o autor diz tratar-se de uma

Condição de realidade para enunciados. Não se trata de reencontrar o que poderia tornar legítima uma assertiva, mas de isolar as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transformam e desaparecem. *A priori*, não de verdades que poderiam nunca ser ditas, nem realmente apresentadas à experiência; mas de uma história determinada, já que é a das coisas efetivamente ditas. (FOUCAULT, 2013, p. 155).

Em outros termos, o enunciado foucaultiano, relido por Jean-Jacques Courtine (2009, p. 86), possui quatro propriedades: (i) está ligado a um referencial; (ii) mantém com um sujeito uma relação determinada; (iii) tem um domínio associado (uma área); (iv) apresenta uma coexistência material, distinta daquela da enunciação.

A possibilidade *desse* dizer, materializado linguisticamente, se deu por uma série de outros fatores que permitiram a sua emergência. Nessa ocasião, tramita(va) no Congresso daquele país o projeto de lei que atribuía multa aos clientes que contratassem os serviços sexuais das prostitutas, embora, estas não fossem sancionadas, caso flagradas. *Não toque na minha puta* foi o slogan dito pelos supostos clientes que advogavam pela não aprovação do projeto de lei. Esse é o referencial que “forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos que são postos em jogo pelo próprio enunciado” (FOUCAULT, 2013, p. 110). Os sentidos que são produzidos pelo enunciado são definidos e delimitados por essas possibilidades materiais do seu aparecimento.

O enunciado também está ligado a uma *posição de sujeito*, que enuncia sua verdade. A aforização em si, ou seja, a formulação no intradiscurso é de um indivíduo, de um autor, dos possíveis clientes das prostitutas que estão receosos em perder (serviços sexuais ou dinheiro, no caso, de eventual multa). Mas, em nível discursivo, descrever o enunciado é “determinar qual a posição que todo o indivíduo pode e deve ocupar para ser seu sujeito”. (FOUCAULT, 2013, p. 116).

Neste slogan francês, a posição ocupada pelo sujeito é de dono da prostituta, marcado linguisticamente pelo uso do pronome possessivo “minha” (puta). O discurso machista se camufla em um apoio à atividade exercida. Defende-se a ideia de que a liberdade dos corpos é um direito das prostitutas – a exemplo daquela outra aforização que diz(ia) *Nosso\Meu corpo*

*nos\me pertence*⁶-, todavia, é a objetificação da mulher que vigora. Dizer no imperativo para *não tocar a minha puta* é dizer que a mulher prostituta e o seu corpo são propriedade dos clientes\homens. A prostituta é o objeto que complementa o verbo da ação desse sujeito, assinalado historicamente.



Figura 2 - A mais velha petição do mundo

A resposta, portanto, ao Manifesto dos 343 *salauds* não tardou a chegar. Com efeito, uma terceira propriedade do enunciado se encontra justamente na abertura para réplica, contestação, apropriação, transformação e atualização do enunciado, é o que chamamos de “domínio associado” (FOUCAULT, 2013). Na charge, Figura 2, o verbal (“Não toque na minha puta”, posição masculina, e “A mais velha petição do mundo”, posição da mulher) e o não verbal (a mulher sendo arrastada, com força, pelos cabelos) faz reverberar determinados efeitos de sentidos. É desde o tempo do homem das cavernas que há essa (tentativa) de dominação do homem frente à mulher, especialmente, na área sexual. A charge, ironicamente, materializa a descontinuidade histórica dos enunciados: em pleno século XXI, ainda vigora discursos pré-históricos.

Essa posição de sujeito se reforça quando notamos o título que se deu ao manifesto onde esse slogan foi veiculado. Chega a ser irônico. Manifesto dos “343 *salauds*”, ou simplesmente, dos 343 *safados*⁷. Esse título é uma clara retomada ao Manifesto das 343 putas,

⁶ Em resumo, essas duas aforizações se deram em momentos distintos, cuja retomada e atualização do dizer engloba reivindicações singulares de cada temporalidade da qual emergiram. Se em 1970, o slogan *Nosso corpo nos pertence* veiculava um sujeito plural, marcando uma totalização da subjetividade feminina, que lutava pelo fim das interdições do aborto; em 2013, *meu corpo me pertence* entra na ordem da subjetividade individualizante. Neste momento, ocorre também um alargamento do que esse enunciado significa: o fim da violência doméstica, as interdições do aborto e sua possível legalização, o assédio sexual de modo geral, etc. Há, com efeito, um movimento de memória que retoma, atualiza e faz com que os sentidos se deslizem (e se ampliem).

⁷ “*Salauds*”, em nossa tradução – e por uma questão estratégica de analista de discurso, se assim podemos dizer –, equivale a “*safados*”. Essa, por exemplo, foi a tradução livre feita pela revista *Época* (2014, p. 52). Em outros veículos de comunicação, a tradução optou por “*bastardos*”, por exemplo.

em 1971. Nesta ocasião, feministas, dentre as quais Simone de Beauvoir, lutavam a favor da descriminalização do aborto.

Assim, como já pincelado, nesse movimento de efeito da memória (COURTINE, 2009, p. 106), nos deparamos com a terceira propriedade do enunciado: o seu domínio associado. Tal caráter do enunciado foucaultiano compreende:

1. As formulações no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento em uma sequência discursiva. O enunciado se encontrará aí definido por sua inscrição em uma posição de sequência horizontal ou intradiscursiva;
2. As formulações às quais o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para se opor a elas, seja, finalmente, para falar delas; não há enunciado, que de uma maneira ou de outra, não reatualize outros enunciados.
3. O conjunto das formulações, as quais o enunciado organiza a possibilidade futura e que podem vir depois dele, como sua sequência, sua continuação natural ou sua réplica. (COURTINE, 2009, p. 89).

Eis que, em 2013, temos dois intradiscursos (formulações aforizadas): “Não toque na minha puta” e “Manifesto dos 343 safados” que, por sua vez, atualizam: “Não mexam com meu camarada” – movimento antirracismo do início dos anos 90 – e “Manifesto das 343 putas”.

A provocação irônica que formula o “novo no interior da repetição” (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 1994, p. 166) produz um efeito de deboche visto que os “343 safados” se vale do discurso do Outro para afirmarem sua posição: eles se apropriam de um enunciado anterior e dão uma nova (e convenientemente sua) roupagem. Em 1971, as mulheres, signatárias do manifesto, pediam para usarem seus corpos como bem entendessem (*nosso corpo nos pertence*), no caso do aborto. Em dezembro de 2013, os homens, peticionavam os corpos das putas para que **eles** usassem como bem entendessem (como se dissessem – e dizem – a puta me pertence). O uso reiterado dos pronomes possessivos de primeira pessoa sinaliza para esse teor machista do Manifesto dos safados. Para os homens,

cada um tem o direito de vender livremente seus encantos – e mesmo de amar fazer isso. Nós nos recusamos que os deputados estabeleçam as normas de nossos desejos e de nossos prazeres. [...]. Não amamos nem a violência, nem a exploração, nem o tráfico de seres humanos. E nós esperamos que o poder público faça todos os esforços para lutar contra as redes e punir os cafetões. Nós amamos a liberdade, a literatura e a intimidade. E quando o Estado toca em nossas bundas, as três estão em perigo. Hoje é a prostituição, amanhã a pornografia: o que vão proibir depois de amanhã?⁸

⁸ Excerto do Manifesto dos 343 safados.

Enquanto as mulheres prostitutas, em 1971, colocavam seus corpos na berlinda (por correrem o risco de serem punidas, bem como, por uma questão de saúde, em função da clandestinidade do aborto); em 2013, os homens apenas fortalecem uma continuidade do discurso patriarcal. Há um tom de deboche nesse título: ao que parece, os clientes – que estão contra a aprovação do projeto de lei – riem dessa condição de liberdade, dizendo que, em todo caso, os corpos delas (que encantam), são *nossos*: nossos desejos, nossos prazeres, nossas bundas.

É irônico, porque ao rememorar esse Manifesto das putas, os “343 safados” levantam o argumento de que elas mesmas se valeram: a liberdade do corpo. Contudo, sustentam essa formulação no interdiscurso machista, sexista e patriarcal. É como se eles dissessem: se elas mesmas já lutaram pelo seu direito de serem putas e de exercerem sua sexualidade livremente, nós estamos aqui para ratificar essa posição, e mais: será um *encanto* tê-las como *nossos* (objetos) de prazer!

É o efeito de memória (COURTINE, 2009) que permite essa retomada e transformação do enunciado. Essa memória atualizada se dá no ponto de encontro da linha horizontal, o intradiscurso (formulação linguística) com a linha vertical do interdiscurso (os vários discursos possíveis, dentre os quais, a aforização irá se filiar). Esquemáticamente (Figura 3), teríamos:

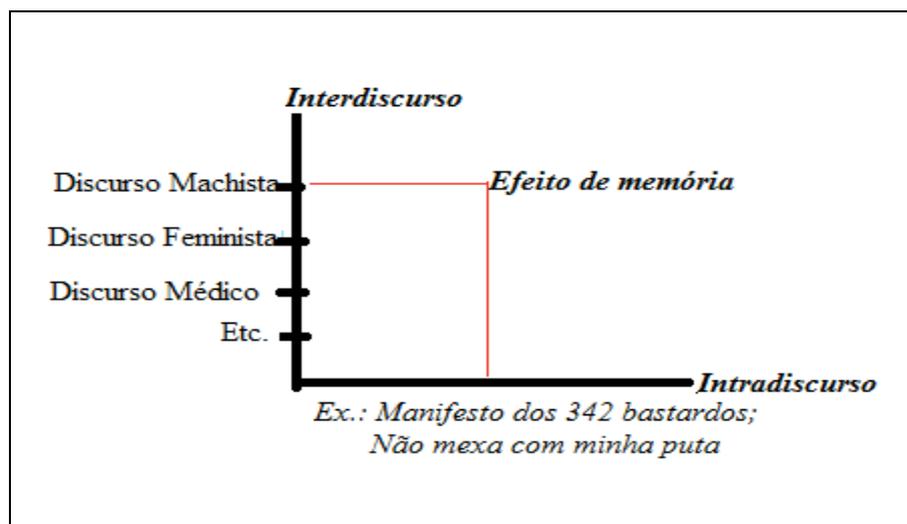


Figura 3. Efeito de memória

Na Figura 3, caso a linha paradigmática se deslocasse para outro tipo de discurso, o efeito de sentido e\ou de memória discursiva acionada seria, provavelmente, outra. Isso acontece em razão do “sujeito de saber” que se inscreve em determinada FD. Esse sujeito, aforizador, que se encontra na linha sintagmática, põe-se como aquele que enuncia uma verdade. Esse sujeito do saber de uma dada FD é

o lugar do sujeito universal próprio a uma determinada FD, a instância de onde se pode enunciar ‘todos sabem ou veem que’ para todo sujeito enunciador vindo situar-se num lugar determinado, inscrito nessa FD, por ocasião de uma formulação. Assim, é o ponto onde se ancora a estabilidade referencial dos elementos de um saber. Esse lugar, então, só é vazio na aparência: ele é preenchido de fato pelo sujeito do saber próprio a uma FD e existe na identificação pela qual os sujeitos enunciadorees vêm encontrar nela os elementos de saber (enunciados) pré-construídos de que eles se apropriam como objetos de seu discurso. (COURTINE, 2009, p. 87-8).

A pretensão da verdade posta por esse sujeito é um dos pontos que faz com que o enunciado encontre sua quarta propriedade. Com efeito, aquele, em Foucault (2013), é da ordem da materialidade repetível. A base linguística, lexical, gramatical, pode até ser a mesma, mas a singularidade do aparecimento do enunciado o tornará irrepetível. De modo que, “o que se destaca é uma forma indefinidamente irrepetível e pode dar lugar às mais dispersas enunciações” (COURTINE, 2009, p. 89).

São as condições de produção dos enunciados que lhe conferem o estatuto de “singular”. Para Courtine (2009), esse conceito está intimamente ligado à História, uma vez que esta não compreende um pano de fundo ou o contexto dos enunciados. A História constrói os discursos e os discursos constroem a História.

De fato, para o autor (2009, p. 52), as condições de produção estão longe de ser um jogo das interações verbais, com um caráter circunstancial, cuja função do discurso equivaleria a um *teatro*. Também não se trata de um *luta*. As condições de produção não se dariam num cenário onde seria preciso identificar os combatentes, decompor os movimentos, mostrar os alvos e determinar as estratégias, como contra-argumenta Courtine (idem, p. 53). É, por fim, na “articulação entre Linguística e História que se passa as peripécias discursivas, ao abrigo das determinações da História” (idem, p. 54).

Nesse ínterim, é o conceito de “condições de produção” que faz com que os políticos, em um trocadilho humorístico, sejam os filhos da puta. Ambos conceitos (putas e políticos) são construídos ao longo do tempo. Um se destaca por sua continuidade (a prostituta é vista

como aquela que usa seu corpo para satisfazer ou prestar serviços sexuais), apagando-se as mutações discursivas que a construção sofreu. O político, por sua vez, entra em um regime de descontinuidade em que, hoje, tem-se a impressão, de que os políticos são diferentes de outrora⁹. Em alguns casos, as aforizações se encontram numa mesma linha do interdiscurso, como na Figura 4.



Figura 4. Retomada e atualização¹⁰

Nessa aforização, o humor (lado esquerdo) retoma dois enunciados. O primeiro acompanha a caricatura da prostituta que declarou: *Eu sou feliz sendo uma prostituta*, em uma Campanha do Ministério da Saúde, em junho de 2013 (lado direito da figura). E a segunda retomada se dá nessa linha sintagmática de dizer que os políticos são os filhos da puta. Importante frisar que, embora haja um cruzamento de aforizações, os efeitos de sentidos são diferentes. Isso se explica pelo fato de que a enunciação é irrepitível, tornando-se, portanto, um acontecimento.

O acontecimento é “apreendido na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado” (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 1994, p. 166). O humor se produz nesse exercício com a memória, com retomadas e atualização. No caso da Figura 4, o leitor poderia não ter a memória sobre o cartaz veiculado pela campanha, poderia não ter a memória

⁹ O trabalho com as mutações das discursividades da política e, por uma via oblíqua, dos políticos não é nosso objeto de escrita. Sobre isso, sugerimos então a leitura da tese de Doutorado, intitulada: *Discursividades contemporâneas sobre a política: o discurso sobre a mutação da política*. (MIQUELLETE, 2009).

¹⁰ Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/blogs/alpino/ministro-veta-campanha-sou-feliz-sendo-prostituta-162629850.html>. Acesso em: 25 out 2013.

de que essa aforização sofreu procedimentos discursivos de interdição e exclusão (FOUCAULT, 2011), mas mesmo assim, o efeito de humor não seria comprometido em função da segunda parte do enunciado (*como não ser feliz com tantos filhos se dando bem na política*).

Na ocasião da divulgação da campanha, a aforização foi bastante polêmica. Uns diziam que se produzia o efeito de apologia à prostituição, outros alegavam que a atividade devia ser tratada como uma profissão – e, portanto, regulamentada. As próprias prostitutas que se apresentavam nos cartazes se levantaram contra *como* foram veiculadas suas falas. Aqui, se encontra mais um fator posto pelas aforizações: estas, ao serem destacadas do texto, sofrem deslocamento de sentidos, os pontos de deriva deslizam. Exigindo, portanto, a retirada dos cartazes, as protagonistas retomam como se deu a reatualização dos seus dizeres pelo Ministério da Saúde. Na sessão Plantão da nota divulgada por elas, lemos: “a campanha original deixou de privilegiar o enfrentamento do estigma e preconceitos [...] para focar-se apenas no incentivo ao uso da camisinha, tornando-se higienizada e descontextualizada”¹¹. Mais uma vez, “o sentido das palavras muda, segundo a posição ocupada por aqueles que a emprega” (PÊCHEUX, 2009), aponta *como* as aforizações entram em uma função enunciativa.

Nessa análise, perguntar quais são as condições que permitiram essas dizibilidades emergirem é o que faz com que a aforização seja sempre pensada em conjunção com o enunciado. O alvoroço causado por essa declaração da prostituta é histórico, porque carrega memórias e pré-construídos do que é ser uma “prostituta” – o efeito de evidência do qual falava Pêcheux (2009). E também porque se tentou romper com essa memória, provocando uma descontinuidade. Tentou-se instaurar uma nova discursividade: por exemplo, quando se discute a aprovação da regulamentação da atividade, quando se elege o 2 de junho como um dia para *comemorar* o dia internacional da prostituta, etc. Foram várias condições de produção e de enunciabilidade que fizeram emergir aforizações como essas da Figura 4.

Por fim, *Eu sou feliz sendo uma prostituta* pôs em circulação efeitos de sentidos plurais. E polêmicos. A interdição e exclusão da Campanha não tardou a chegar: em dois dias, já não se encontravam mais os anúncios – nos sites oficiais do governo, ao menos. Mas nem por isso, impediu-se que se produzissem outros dizeres em cima da situação, como a charge caricaturizada (Figura 4, lado esquerdo).

¹¹ Disponível em: <http://www.beijodarua.com.br/materia.asp?edicao=28&coluna=6&reportagem=911&num=1>. Acesso em 16 jul. 2014.

A esse respeito, Possenti (2010, p. 36), quando trabalha com a questão da piada e do acontecimento discursivo, conclui que: a “piada (o acontecimento discursivo) se relaciona ao mesmo tempo com um período da história recente (cronologicamente definível) e a um tempo ideológico. Em tese, a piada é produtiva, pode ser adaptada a situações análogas”.

Conclusão

A “prostituta” dá o que o falar. E por isso mesmo, é um terreno excelente para ser pisoteado. Ao assumir tantas facetas, o tema se torna controverso, como tentamos mostrar no presente artigo. O humor, por exemplo, é uma das facetas assumidas a partir desse tema da prostituição – em especial, com referência às suas figuras femininas –. Esse fato se explica, talvez, segundo duas justificativas:

1. Em primeiro lugar, só há piadas, isto é, a humanidade só faz piadas (chistes, anedotas, caricaturas, humor em geral) sobre temas controversos, ou seja, temas sobre os quais há uma razoável plethora de discursos, cada um deles enfocando o tema de um ângulo ou posição diferente. [...]. Sempre põem em circulação e em oposição pelo menos dois discursos: um “correto” e um outro que é de alguma forma reprimido ou proibido, “incorreto”. [...].
2. O solo para a criação de piadas é tipicamente pisoteado. Em outras palavras, é apenas quando os discursos sobre temas controversos se tornam populares, praticamente, anônimos, de tão frequentes, que as piadas começam a aparecer. (POSSENTI, 2010, p. 12-13).

A prostituta, ou simplesmente, a “puta” – uma escolha lexical que produz um efeito de sentido mais marginal, mais caricaturizado, mais memorável pela linha do xingamento, por exemplo – é objetivada em diversas aforizações que circulam por aí. Suas práticas discursivas, restritas e focalizadas no sexo, é o que historicamente faz construir a subjetividade da “prostituta”.

Nessa esteira, o corpo da prostituta se torna o lugar de inscrição da história (COURTINE, 2013). O corpo como denominador comum de posições discursivas distintas. Para uns, sinônimo de liberdade, para outros, o corpo da prostituta é significado como um objeto, uma coisa a serviço do discurso machista e patriarcal.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M.M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1952/53/1979], pp. 277-326.

COURTINE, J.J. *Análise do discurso político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos : Edufscar, 2009.

_____. *Decifrar o corpo : Pensar com Foucault*. São Paulo : Editora Vozes, 2013.

EVELIN, G. « A prostituição deve ser vista como um serviço público ». *Época*, São Paulo, 27 jan. 2014. Entrevista, p. 52-54.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. *A ordem do discurso*. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GUILHAUMOU, J e MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História. In: ORLANDI (org.) *Gestos de Leitura: da História no Discurso*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1994. (Language, 81, 1986).

MAINGUENEAU, D. A aforização proverbial e o feminino. In.: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). *Fórmulas Discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Aforização – enunciados sem texto?. In.: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M.C.P. (Org.). *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. Unidades tópicas e não tópicas. In.: _____. *Cenas da Enunciação*. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MANO, M. K. Não toque na minha puta. 1 nov. 2013. Disponível em: <http://mairakubik.cartacapital.com.br/2013/11/01/nao-toque-na-minha-puta/>. Acesso em: 03 fev 2014.

MIQUELETTI, Fabiana. *Discursividades contemporâneas sobre a política: o discurso sobre a mutação da política*. (Tese de Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem: Campinas, 2009.

POSSENTI, Sírio. Estereótipos e identidades: o caso nas piadas. In.: *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 39-50.

_____. Humor e acontecimento. In.: *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 51-60.

_____. Rindo do descobrimento do Brasil. In.: *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 11-26.